

ÉTICA E HISTÓRIA A PARTIR DA CRIAÇÃO FICCIONAL EM SARTRE: PELA UNIDADE DINÂMICA E SIMULTANEAMENTE ORGÂNICA DA OBRA DO AUTOR

Thiago Rodrigues¹

Resumo: Objetiva-se com este estudo evidenciar a tese da continuidade dinâmica e simultaneamente orgânica da produção intelectual de Jean-Paul Sartre a partir da concepção de história e as implicações éticas que dela decorrem. Mais exatamente, este trabalho debruçar-se-á sobre a produção ficcional do filósofo, particularmente seus romances, com o propósito de evidenciar a referida tese. Para tanto, faz-se necessária uma breve incursão por seu ensaio *Questão de Método* como forma de explicitar sua concepção de história.

Palavras-chave: história – ética – literatura – liberdade – determinismo.

Sabemos que muitos dos comentadores que se propuseram a estudar a relação entre literatura e filosofia na obra de Sartre privilegiaram o seu aspecto social, isto é, o papel que a noção de engajamento em meio a um processo histórico dado exerce sobre a obra ficcional do autor. E a recorrência desta abordagem se justifica porque, realmente, há um crescendo do tema na obra romanesca de Sartre. No entanto, tudo leva a crer que essa perspectiva recorrente, que implica a supervalorização do caráter social que sua obra literária adquiriu, leve a alguns equívocos, como, por exemplo, entender a obra ficcional de Sartre como um mero instrumento de divulgação das ideias filosóficas do autor. Outro equívoco que talvez decorra desta abordagem seja o de negligenciar a tensão, sempre presente em sua obra, entre a objetividade concernente à *História*² e a subjetividade decorrente do caráter singular da

1 Mestrando pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo – Brasil. Orientador: Professora Doutora Rita de Cassia Souza Paiva. E-mail: macedoniorodrigues@gmail.com

2 Algumas vezes a palavra “História” aparecerá grafada com letra maiúscula visando ressaltar os aspectos contingentes do processo histórico, em oposição às escolhas singulares que, em última instância, são o que constituem o próprio processo histórico. E isso, de forma alguma, se identifica à concepção tradicional de História, que a entende como uma sucessão de fatos resultantes de um encadeamento lógico dentro de um processo teleológico. Nesse sentido, concordamos com a análise de Thana Mara de Souza (SOUZA, “A presença da história no ‘primeiro’ Sartre: Roquentin e a náusea frente à ilusão da aventura heróica”, p. 229). Portanto, não

existência, o caráter aparentemente paradoxal dessa tensão, entre as “determinações” da situação histórica – seu caráter contingente –, e a liberdade das escolhas singulares³.

Muitos desses comentadores dividem a obra sartriana em, ao menos, duas fazes: a primeira de caráter ontológico-fenomenológico, representada por sua obra *O Ser e o Nada*; e a segunda centrada nas preocupações políticas, que encontra sua representação maior em sua obra *A Crítica da Razão Dialética*. No entanto, essa classificação não nos parece tão evidente assim. Parece-nos, ao contrário, que sua obra de caráter ontológico-fenomenológico não representa uma “preparação”⁴ para sua obra de caráter, digamos, ético-histórico, mas antes que a primeira é o fundamento de um *desdobramento necessário*. Na mesma direção, embora o próprio autor tenha se manifestado de forma que leve a crer na tese da ruptura, acreditamos na continuidade das preocupações do jovem Sartre no decorrer de toda a sua obra. É a este problema, ou mais especificamente, à maneira como esta problemática se manifesta nos romances do autor, que dedicaremos estas linhas.

Para tanto, é imperativo que primeiro nos dediquemos a esboçar aquilo que Sartre entende por história. E, aqui, ao menos num primeiro momento, nossa argumentação não estará exatamente em contraponto com as posições que levantamos no primeiro parágrafo, mas sim com aquelas que, inspiradas em certa concepção teleológica do marxismo, acusam Sartre de uma espécie de “individualismo burguês”. Visando esse fim, passaremos a uma breve análise desta concepção presente no ensaio *Questão de Método* (1960). De início podemos afirmar que o filósofo defende uma concepção na qual a história se caracterizaria por um processo dialético de totalização perpetuamente em curso, isto é, a história em curso representaria a Verdade em perpétuo processo de devir⁵. A história sendo movimento, seria preciso, em sua visão, empreender uma concepção de filosofia que o acompanhe, uma concepção “*nascida do movimento social*”, dinâmica, que não mais se ocupe apenas com o abstrato da especulação contemplativa, mas que se lance no concreto da vida prática. Uma “*filosofia que permanece eficaz enquanto vive a práxis que a engendrou, que a sustém e é por ela iluminada*”⁶.

ignoramos sua crítica à “História” (com letra maiúscula), mas acreditamos nas vantagens dessa grafia, mesmo que provisoriamente, como uma maneira de ilustrar a tensão presente na concepção sartriana.

3 O que também poderia ser expresso, sob registro sartriano, através da ambivalência entre os registros ontológicos da imanência (Em-Si) e da transcendência (Para-Si).

4 “Preparação” é o termo empregado, por exemplo, nos comentários de Neide Coelho Boëchat (BOËCHAT, História e Escassez em Jean-Paul Sartre, p. 27). Embora a própria comentadora reconheça a continuidade entre as ideias do jovem Sartre e a filosofia “madura” do autor, parece-nos que o termo acaba por denotar uma submissão das primeiras à segunda. Desse modo, acreditamos que seria melhor falarmos de um “necessário desdobramento”, o que talvez lance o acento sobre sua ontologia-fenomenológica.

5 SARTRE, Questão de Método, p. 112. Sartre atenta que não é seu objetivo relativizar os conceitos de Verdade e História, mas não nos aprofundaremos nesta questão.

6 SARTRE, Questão de Método, p. 114.

É sob este registro, objetivando uma filosofia que abarque o homem concreto, que Sartre afirma: “O homem existente não pode ser assimilado por um sistema de ideias; por mais que se possa dizer e pensar sobre o sofrimento, ele escapa ao saber, na medida em que é sofrimento em si mesmo, onde o saber permanece incapaz de transformá-lo”⁷. De modo similar, sua concepção de história não se pauta por noções abstratas que negligenciem a dimensão concreta da existência. Sartre então recorre a Marx e seu materialismo dialético, mas colocando-se em um ponto de vista que confrontará, justamente, algumas interpretações bastante correntes do marxismo. Sobre essa concepção Sartre afirma que Marx faz do fato humano “o tema imediato da totalização filosófica e é o homem concreto que ele coloca no centro de suas pesquisas, este homem que se define simultaneamente pelas suas necessidades, pelas condições materiais de sua existência e pela natureza de seu trabalho, isto é, de sua luta contra as coisas e os homens”⁸. Já temos aqui, portanto, as duas dimensões supracitadas, quais sejam, as determinações da situação histórica e a dimensão particular das escolhas singulares⁹.

Como sabemos, o pressuposto de Sartre a essa concepção é a máxima existencialista de que “a existência precede a essência, ou, se se quiser, que temos que partir da subjetividade”¹⁰.

Isso significa, para o filósofo francês, que o ponto de partida é sempre a subjetividade humana, ou seja, as escolhas singulares imersas na história, a liberdade humana em situação. O que, para o filósofo, não acarreta nenhuma contradição em relação ao pressuposto materialista do “primado da existência sobre a consciência”. Ao contrário: para Sartre, essa máxima representaria justamente o ponto de convergência entre essas duas concepções¹¹.

É com isso em mente que entendemos as palavras do autor quando este afirma que a história é uma totalização dialética em movimento perpétuo. Diz Sartre: “O existencialismo, como o marxismo, aborda a experiência para nela descobrir sínteses concretas, não pode conceber estas sínteses senão no interior de uma totalização em movimento e dialética que nada mais é do que a história”¹². Afirmar as determinações concretas decorrentes da situação histórica não implica necessariamente em negar a subjetividade humana como princípio. Veremos isso com mais atenção posteriormente. Cabe agora, ainda pensando sobre a concepção de história do filósofo – e agora também, a partir dela, já apresentando alguns argumentos no sentido da tese da “continuidade” –, uma incursão por seus romances, para, em seguida, retomarmos o mesmo assunto na perspectiva do ensaio.

7 SARTRE, *Questão de Método*, p. 116.

8 SARTRE, *Questão de Método*, p. 117.

9 É célebre, neste contexto, o embate travado entre Sartre e Lukács. No entanto, não é nosso objetivo nos aprofundarmos nessa discussão. Para mais ver: LUKÁCS, *Existencialismo ou marxismo?*.

10 SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*, p. 5.

11 SARTRE, *Questão de Método*, p. 125.

12 SARTRE, *Questão de Método*, p. 124.

É patente, como sugerido no início deste texto, que cada vez mais Sartre se ocupará com o problema do comprometimento ético das escolhas singulares. Assim, o tema ganha relevo no desenvolvimento de sua obra ficcional. O que aparece discretamente em seu romance de estreia, *A Náusea* (1938), ganha destaque em suas obras posteriores. O que queremos ressaltar é que mesmo em seu romance de estreia o tema da história já está presente, ainda que implicitamente, mas veremos isso com mais cuidado mais adiante. Já em *Idade da Razão* (1945) o tema da tensão histórica é explícito. A presença da Guerra – o romance se passa às vésperas da Segunda Guerra Mundial – faz com que o problema da liberdade e, em decorrência, a tensão entre a situação histórica e as escolhas singulares, se imponha. A pluralidade das liberdades singulares se dá sempre em *situação*, todos vivem singularmente o peso da iminência da guerra. O sujeito é sempre histórico.

É justamente nesse sentido que entendemos os impasses vividos pelo personagem do romance, o jovem professor de filosofia Mathieu, entre assumir o peso de suas escolhas ou tentar manter-se alheio a tudo. De que lhe serve usar a liberdade para comprometer-se? O que pode justificar seu comprometimento? A gravidez de sua companheira no romance, Marcelle, é algo contingente, assim como o convite de seu amigo Brunet para integrar o partido comunista. Daí a questão que Mathieu se coloca: o que vale mais a pena: ter ou não ter filhos? Como é possível viver a contingência sem se comprometer? A resposta é simples: não é possível. Mathieu busca fugir de sua responsabilidade, para isso coloca como centro de suas preocupações o problema financeiro, assim como uma concepção negativa da liberdade, isto é, dentro de um vocabulário sartriano, o personagem assume sua liberdade para negá-la. Mathieu assume sua transcendência, mas nega sua imanência, sua responsabilidade. Desse modo, o que o personagem faz nada mais é do que negar sua própria liberdade. Sabemos que para Sartre a liberdade me projeta no futuro, me projeta num modo de ser, mas esta não supre a falta, o que é uma outra maneira de dizer que é necessário ao homem perseguir o seu próprio ser¹³. Assumir seu ser equivale a escolher-se continuamente. Assim o compromisso verdadeiro requer os riscos implicados em nossas escolhas. Portanto, o personagem recorre à má-fé para fugir da sua situação, mas evidentemente, isso se dá *na* História. Entendemos porque é presença constante nas reflexões do personagem o problema do compromisso histórico, pois ele *é*, sempre, *na* História, mesmo que Mathieu faça uso inautêntico da noção de contingência, como um recurso à má-fé.

¹³ Como sabemos essa é a característica central do Para-Si, ser puro projeto de si mesmo, ser justamente aquilo que ele não é, não sendo aquilo que ele é. Ou seja, aquilo que o homem é, é justamente aquilo que ele se fez e enquanto se fez. Nada garante sua permanência.

Faz sentido, sob esse registro, nos remetermos novamente à famosa frase de Marx que Sartre citava frequentemente, que o “homem faz a história que o faz”¹⁴. Na perspectiva existencialista do filósofo, a passagem de Marx visa ressaltar a tensão dialética que sua concepção de história adquiriu. Para Sartre o que configura a história é justamente essa tensão dialética entre o processo de subjetivação das existências particulares e o caráter contingente da situação histórica. Essa relação dialética referida se dá na medida em que o universal pesa sobre o indivíduo, mas este o *encarna*, torna-o seu (encarnação do universal)¹⁵. Entendemos mais claramente o que pretende Sartre ao proferir uma de suas mais célebres máximas: “*não importa o que fazem do homem e sim o que o homem faz com o que fizeram dele*”, pois mesmo na presença avassaladora da iminência da guerra o homem é capaz de refugiar-se nos meandros da má-fé. O homem é livre até mesmo para negar sua própria liberdade, o que faz dele um “condenado à liberdade”.

¹⁴ Essa ideia está presente também no ensaio *Questão de Método*, da seguinte forma: “Os homens fazem, eles próprios, sua história, mas num meio dado que os condiciona” (SARTRE, *Questão de Método*, p. 149), daí o filósofo levanta o problema de uma possível contradição dessa formulação, que, como veremos, ele mesmo contesta. A mesma ideia aparece em *A Ideologia Alemã*: “as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias” (MARX e ENGELS, *A Ideologia Alemã*, p.36). Nesse sentido, é relevante frisar a menção à terceira tese de Feuerbach que Sartre faz no livro: “A doutrina materialista segundo a qual os homens são um produto das circunstâncias e da educação... não leva em consideração o fato de que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o educador deve ser, ele próprio, educado” (SARTRE, *Questão de Método*, p. 149) [...] [E conclui Sartre:] “o educador deve ser educado: isto significa que a educação deve ser uma empresa” (SARTRE, *Questão de Método*, p. 150). Essa passagem aparece em *A Ideologia Alemã* da seguinte forma: “A doutrina materialista que pretende que os homens sejam produtos das circunstâncias e da educação, e que, consequentemente, homens transformados sejam de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que são precisamente os homens que transformam as circunstâncias e que o próprio educador precisa ser educado” (MARX e ENGELS, *A Ideologia Alemã*, p. 100). Parece-nos bastante claro, portanto, que, só por isso, para Sartre, situação histórica e ação particular não se contraditam.

¹⁵ No que tange à noção de “encarnação”, sabemos que Sartre a desenvolverá com mais acuidade em *Crítica da Razão Dialética*, mas que, no entanto, não desenvolveremos isto aqui, visto que nosso estudo se dirige mais diretamente à unidade de sua obra e não ao modo como a subjetividade opera nessa relação. Mas cabe citar, mesmo que de passagem e indiretamente, a menção que o filósofo faz à esta ideia em *Questão de Método*: “Não posso descrever aqui a verdadeira dialética do subjetivo e do objetivo. Seria preciso mostrar a necessidade conjunta da “interiorização do exterior” e da “exteriorização do interior” A práxis, com efeito, é uma passagem do objetivo ao objetivo pela interiorização; o projeto, como superação subjetiva da objetividade em direção à objetividade, tenso entre as condições objetivas do meio e as estruturas objetivas do campo dos possíveis, representam em si mesmo a unidade em movimento da subjetividade e da objetividade, estas determinações cardeais da atividade. O subjetivo aparece, então, como um momento necessário do processo objetivo. Para se tornarem condições reais da práxis, as condições materiais que governam as relações humanas devem ser vividas na particularidade das situações particulares: a diminuição do poder aquisitivo não provocaria jamais a ação reivindicativa se os trabalhadores não a sentissem em sua carne sob a forma de uma carência ou de um medo fundado em cruéis experiências” (SARTRE, *Questão de Método*, p. 154). Para mais ver: *Critique de la raison dialectique Tome 1 e 2*.

Já em *Sursis* (1945) e em *Com a Morte na Alma* (1946) nos encontramos imersos no contexto da Segunda Guerra Mundial, e a *situação limite* impõe aos personagens um posicionamento. Vemos mais claramente o movimento a que nos referimos: em *A Náusea*, a história é o palco, mas quase não se percebe; em *A Idade da Razão*, o personagem vive, mesmo que apoiado em má-fé, seu contexto histórico, assim, essa problemática aparece de maneira bastante clara; em *Sursis* e em *Com a Morte na Alma*, já não é mais possível fugir à questão: o que é constituir-se em situação, *na* e *para* a história? É preciso viver singularmente todo o peso da História (contingente). A situação limite convoca o indivíduo a participar da constituição do próprio processo histórico¹⁶.

Assim, o mesmo personagem que surge afastado do engajamento político no início da série *Os Caminhos da Liberdade*, aparece, em *Com a Morte na Alma*, como um combatente na Segunda Guerra. No entanto, como veremos na citação que se segue, talvez o que o motive seja menos assumir sua imanência (a responsabilidade por suas escolhas), do que negar sua transcendência. A pergunta que se impõe é: será que o personagem visa, realmente, assumir sua imanência de um modo transcendente? Mas é possível, de fato, fugir a essa aparente contradição, isto é, entre assumir a imanência ou a transcendência? Ou melhor, é possível assumir a imanência sem com isso negar a transcendência? Evidentemente a questão toca num dos problemas mais controversos do pensamento sartriano, qual seja, a sistematização de uma moral. Não objetivamos aqui nos aprofundar nessa problemática, mas apenas ressaltar esse movimento. Vejamos como “o peso da história” surge à Mathieu na emblemática passagem do romance *Com a Morte na Alma*:

Aproximou-se do parapeito e pôs-se a atirar de pé. Era um enorme revide: cada tiro vingava-o de um antigo escrúpulo. Um tiro em Lola que não ousei roubar, um tiro em Marcelle que devia ter largado, um tiro em Odette que não quis comer. Este para os livros que não ousei escrever, este para as viagens, que recusei, este para todos os sujeitos, em conjunto, que tinha vontade de detestar e procurei compreender. Atirava, e as leis voavam para o ar, amarás o teu próximo como a ti mesmo, pam! nesse salafrário, não matarás, pam! nesse hipócrita aí da frente. Atirava no homem, na Virtude, no Mundo: a Liberdade é o Terror; o incêndio destruía a prefeitura, destruía-lhe a cabeça: as balas assobiavam, livres como o ar, o mundo

¹⁶ Agora “história” aparece com letra minúscula, pois nos parece claro a conotação que a concepção sartriana adquire ao visar um entendimento do processo histórico como algo construído por singularidades, que se constituem imersas em sua condição contingente e, ao se constituírem, constituem o próprio processo da história. Entende-se porque não faz o menor sentido falarmos nos “Heróis” da história. O objetivo então é enfocar o processo, e não apenas o pólo objetivo da relação.

explodirá, e eu com ele, atirou, olhou o relógio: quatorze e trinta segundos; não tinha mais nada a desejar senão um prazo de meio minuto; exatamente o tempo de atirar naquele belo oficial, que corria orgulhoso para a igreja; atirou sobre o belo oficial, em toda a Beleza do mundo, na rua, nas flores, nos jardins, em tudo o que amara. A Beleza deu um mergulho obscuro e Mathieu atirou de novo. Atirou: era puro, todo-poderoso, livre¹⁷.

Como exposto acima, não é nosso objetivo levantar o problema acerca da instauração de uma moral em Sartre, mas antes, ressaltar que, mesmo nos textos no qual se sobressaem as questões éticas, se não são os pressupostos de sua filosofia da consciência imersa no mundo que fundamentam as implicações éticas, ao menos esses pressupostos não estão ausentes. O que leva Mathieu a se engajar são sempre as implicações singulares da violência que representa a contingência de sua situação histórica. Não há paradoxo em afirmar o primado da subjetividade em uma filosofia da história que tem como ponto de partida o fato de que o processo histórico é construído a partir de existências cotidianas e singulares, existências “*sem nenhuma importância social*”, mas que singularmente constituem o próprio processo da “História”. Desse modo, que diferença faz se o que leva Mathieu a se engajar é a negação, livre, da própria liberdade? Pois Mathieu faz a história, mesmo sem querer. Afinal, não posicionar-se já é tomar uma posição. É por isso que, em dado momento, Mathieu ouve de alguém que a Guerra diz respeito a todos, inclusive aqueles que não se posicionam em relação a ela. Afinal, como diz Sartre, “*sempre se é responsável por aquilo que não se tenta impedir*”¹⁸. É por isso que podemos dizer que quando o personagem atua abstratamente – pois é isso que ele faz ao atirar na Beleza, na Virtude *etc.* – ele age de má-fé. Daí Sartre reivindicar a responsabilidade como uma necessária consequência da liberdade. É necessário ao homem tomar consciência de seu papel histórico:

E certamente os homens não medem o alcance real do que fazem – ou, pelo menos, este alcance deve escapar-lhes enquanto o proletariado, sujeito da História, não tiver, num mesmo movimento, realizado sua unidade e tomado consciência de seu papel histórico. Mas, se a História

¹⁷ SARTRE, *Com a Morte na Alma*, p. 203. Sob esse mesmo registro, é curioso lembrar como a má-fé aparece descrita pelo autor: “*as circunstâncias foram contra mim, eu valia muito mais do que aquilo que fui; é certo que não tive um grande amor, ou uma grande amizade, mas foi porque não encontrei um homem ou uma mulher que fossem dignos disso, não escrevi livros muito bons, mas foi porque não tive tempo livre para o fazer; não tive filhos a quem me dedicasse, mas foi porque não encontrei o homem com quem pudesse realizar minha vida*” (SARTRE, *O Existencialismo é um Humanismo*, p. 13).

¹⁸ SARTRE, *O que é a Literatura?*, p. 212.

me escapa, isto não decorre do fato de que não a faço: decorre do fato de que outro também a faz¹⁹.

Assim, o processo histórico se caracteriza pelo conjunto das ações humanas em sua totalidade, desse modo, o que o constitui são as existências cotidianas (concretas) em ato, o homem faz a história mesmo que não tenha consciência disso. É preciso assumir-se livre.

Assim, o homem faz a história: isto quer dizer que ele se objetiva nela e nela se aliena; neste sentido **a História**, que **é a obra própria de toda atividade de todos os homens**, aparece-lhes como uma atividade estranha na medida exata em que eles não reconhecem o sentido de sua empresa (mesmo localmente eficaz) no resultado total e objetivo²⁰.

Portanto, de modo algum podemos afirmar que Sartre abandona as preocupações com a dimensão subjetiva da existência. Se há a influência direta da concepção marxista da história – pensamos aqui naquele sentido mais superficial adotado por parte dos herdeiros do espólio de Marx – isso se dá, para Sartre, a partir de seus pressupostos ontológico-existenciais, que a fundamentam. Assim:

A própria dialética – que não poderia ser objeto de conceitos, porque o seu movimento os engendra e os dissolve a todos – só aparece, como História e como Razão histórica, sobre o fundamento da existência, pois ela é por si mesma o desenvolvimento da práxis e a práxis é em si mesma inconcebível sem a carência, a transcendência e o projeto²¹.

Ou seja, a práxis é inconcebível sem o homem, sem o *para-si*, em outras palavras, o processo histórico é inconcebível sem a subjetividade humana. É nesse sentido que a dimensão da vivência singular implicada em *Os Caminhos da Liberdade*, à qual nos referimos, também aparece descrita nos comentários de Neide Coelho Boëchat, que se coadunam à nossa interpretação:

O que Sartre tenta focalizar nessa trilogia não é apenas um quadro de atitudes existenciais empreendidas por um ser-para-si em sua relação com o mundo,

¹⁹ SARTRE, *Questão de Método*, p. 150.

²⁰ SARTRE, *Questão de Método*, p. 150, grifo nosso. Essa passagem remete diretamente à noção marxista de *alienação*. Não é nosso objetivo desenvolvê-la aqui.

²¹ SARTRE, *Questão de Método*, p. 187.

mas os conflitos de uma consciência vivenciados pelo indivíduo que, em sua dimensão de engajamento histórico, coloca a si mesmo em questão. Melhor dizendo, trata-se de uma consciência humana que, ao tentar alcançar-se reflexivamente, transita entre a má-fé e o espírito de seriedade. Dessa forma, o nó da questão que amarra esse conflito poderia ser assim resumido: como conciliar as possibilidades dessa consciência que se temporaliza entre a transcendência e a facticidade, com a noção de autenticidade necessária à construção de uma moral histórica²²?

Se isso atesta que mesmo nos textos onde o tema do engajamento em meio a um processo histórico é mais evidente a dimensão da singularidade não se dissipa, cabe ainda retornarmos, mesmo que brevemente, ao romance *A Náusea*, para ressaltar a presença da dimensão histórica já em seu romance de estréia. Atestando assim nossa interpretação, qual seja, de que Sartre abarca em toda a sua obra romanesca tanto a dimensão ético-histórica como a dimensão ontológico-fenomenológica. Passemos ao romance *A Náusea*: de que maneira a dimensão ético-histórica estaria presente nesta obra?

Se a historiografia tradicional entende a história como resultado de um desencadeamento lógico, no qual todo o processo obedeceria a uma teleologia, com a descoberta da contingência o personagem Roquentin vê dissolver todo sentido dado *a priori* aos acontecimentos. Daí a angústia do personagem frente o sentimento de aventura. Dada a desconstrução da ordem natural do mundo, não é sequer possível se pensar na vida como uma aventura heróica, tal como o personagem requeria. Assim a discrepância entre a total gratuidade da existência desvelada à Roquentin pelo sentimento violento e radical da náusea e a ordem teleológica requerida pela história traz à tona a dimensão ético-histórica a que nos referimos, mesmo que, neste livro, de maneira sutil e indireta. É justamente nesse sentido que devemos entender essa passagem do romance:

Decididamente, o sentimento de aventura não vem dos acontecimentos: a prova está tirada. É antes a maneira como os instantes se encadeiam. Eis, creio eu, o que se passa: bruscamente sente-se que o tempo que corre, que cada instante conduz a outro instante, esse outro a um terceiro, e assim sucessivamente; que todos os instantes se aniquilam, que é inútil tentar reter algum, etc., etc. Então atribui-se essa propriedade aos acontecimentos que nos aparecem dentro dos instantes; o que pertence à forma é transladado

²² BOËCHAT, *História e Escassez em Jean-Paul Sartre*, pp. 26-27. As instigantes análises da comentadora remetem à referida sistematização de um moral em Sartre, que, como dissemos, não é nosso objeto.

para o conteúdo. Em suma, esse famoso correr do tempo, fala-se muito dele, mas quase não se vê. Vê-se uma mulher, pensa-se que ela será velha um dia, somente não a vemos envelhecer. Mas em certos instantes parece que a vemos envelhecer e que nos sentimos envelhecer com ela: é o sentimento de aventura²³.

O que garantiria a ordem dos acontecimentos, seu encadeamento temporal, como se tudo decorresse de um processo ordenado no qual os acontecimentos se sucedessem progressivamente obedecendo a alguma ordem interna, é sempre estabelecido *a posteriori* de acordo com o fim que se busca. Ou seja, a ordem presente se mostra como algo forjado, artificial e injustificável. É por isso que o sentimento de aventura não decorre dos acontecimentos, mas, ao contrário, ele é resultado da ordem sempre forjada posteriormente por aquele que os lê. A manifestação da completa gratuidade da existência faz com que qualquer perspectiva dessa ordem – seja no âmbito individual ou coletivo –, esvaneça-se. Nada garante o sentido do processo histórico, a história está por se fazer. O que constrói a história é justamente “*a atividade de todos os homens*”, nada garante a continuidade dessa ação²⁴.

Desse modo, não nos parece casual que o personagem do romance seja um historiador. E é nesse sentido também que nossa interpretação parece se encontrar com os comentários de Thana Mara de Souza no interessante artigo *A presença da história no “primeiro” Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura heróica*:

Historiador que reúne arquivos e cartas sobre o Marquês de Rollebon para escrever um livro falando de seus atos e importância para a história, aos poucos Roquentin percebe que os muitos documentos a que tem acesso não são suficientes para tornar possível a apreensão de uma ordem lógica e causal na vida de seu marquês. A necessidade só pode ser inventada, só pode ser imaginada, tal como a ficção faz. Em meio ao excesso de documentos, uns tão divergentes em relação a outros, sobra apenas a imaginação para ligar um fato a outro, para criar uma ordem que não existe no acontecimento²⁵.

²³ SARTRE, *A Náusea*, p. 102.

²⁴ É justamente nesse sentido que Sartre afirma que é preciso “*agir sem esperança*”, ou seja, não há nada que garanta o sentido da ação individual, no entanto é preciso agir para si e para toda a humanidade. Nada garante que minha ação “*conduzirá forçosamente a um triunfo do proletariado*”, por exemplo, pode ser que outros homens prefiram implantar o fascismo amanhã, apesar disso, são as ações individuais em seu conjunto que constituem a história. (SARTRE, *O Existencialismo é um Humanismo*, pp. 12-13).

²⁵ SOUZA, “*A presença da história no ‘primeiro’ Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura heróica*”, p. 98.

Mas, se é certo que já em *A Náusea* a preocupação com a dimensão do caráter contingente do processo histórico está presente, não nos parece menos certo, como foi dito anteriormente, que em seus romances, onde o tema do engajamento tem a primazia, que a dimensão da singularidade seja negligenciada. O que fundamenta em última instância todo projeto sartriano é sua ontologia.

Se retomarmos, desse modo, a passagem citada de *Com a Morte na Alma*, veremos que o que motiva a ação de Mathieu são suas próprias aflições existenciais, a maneira como singularmente ele *encarna* sua situação e como ele a reveste de sentido.

Nessa perspectiva, discordamos de grande parte dos comentadores que dividem sua obra em duas (quando não três) fases. Fala-se sempre na “ruptura”, na “superação”, na “preparação”, na “revisão”, que Sartre teria realizado em sua fase “madura”²⁶. A primeira fase, segundo essas interpretações, seria representada, principalmente, por sua obra *O Ser e o Nada*, e pela influência fenomenológica, na qual a preocupação histórica estaria ausente; e a segunda fase, de influência marxista, representada por *A Crítica da Razão Dialética*, na qual o autor abandonaria seus pressupostos ontológicos e se lançaria em preocupações de caráter ético-histórico. Isso não nos parece claro e nem se justifica. Nossa interpretação, no entanto, busca afirmar a organicidade da obra do autor²⁷. Mesmo que o próprio autor admita sua influência marxista, a ponto de afirmar que o marxismo seria a filosofia de seu tempo, é ele também que se apressa em dizer que:

É por isso que sempre disse – e continuo dizendo – que há uma unidade intelectual em minha vida, desde o princípio, com *A Náusea*, até o tratado moral do final, há algo como um sistema, que perde algumas de suas ideias e ganha outras, que não é inteiramente o mesmo, mas que tem uma unidade, que supõe a cada momento uma espécie de ideia vivida [*idée vécue*]: e não são ideias intelectuais e lógicas fundindo-se umas com as outras a partir de ligações lógicas, mas antes, são ideias vividas [*idée vécue*] que se apresentam no pensamento sob uma forma temporal, em um dado momento, e que

²⁶ É o que faz Bornheim, *Sartre: Metafísica e existencialismo*, p. 230: ao afirmar que de *O Ser e o Nada* à *Crítica da Razão Dialética* o pensamento sartriano “passa do plano metafísico ao plano histórico”, por exemplo.

²⁷ Acompanhando, nisso, alguns comentadores mais recentes. François Noudelmann, por exemplo, defende uma “unidade profunda e dinâmica da filosofia sartriana em suas metamorfoses” (NOUDELMAANN, *Sartre: L'Incarnation Imaginaire*, p. 10) (Tradução nossa). Como o Noudelmann, acreditamos na unidade dinâmica da filosofia sartriana. Dinamismo, aliás, que é característica fundamental em uma filosofia que busca contemplar o movimento, como é a filosofia existencialista.

percebemos mais tarde de uma forma ligeiramente (ou inteiramente) diferente, mas ocupando o papel que tinham originalmente²⁸.

É nesse sentido que acreditamos na unidade orgânica, profunda e dinâmica ao mesmo tempo, de todo o corpo teórico e ficcional sartriano. Ganha força a expressão de Sartre, são ideias vividas [*idées vécues*], é uma vida que se realiza por meio de suas ações e de suas obras. Sartre viveu suas ideias e é por isso que não pode haver ruptura, porque a consciência, o *para-si*, ou seja, o próprio homem, só existe enquanto um fluxo contínuo. Enquanto perpétuo movimento. Entendemos melhor o emaranhado de preocupações que perpassa sua biografia histórica, *O Idiota da Família*. Na “[...] peculiar biografia histórica de Flaubert, a psicanálise existencial de *O Ser e o Nada* é retomada e integrada pelo método progressivo-regressivo, já apresentado na *Crítica da Razão Dialética*”²⁹. Portanto, é por isso que os “aspectos de sua análise fenomenológica da temporalidade, que são imprescindíveis para o encaminhamento da questão da psicanálise existencial, [são imprescindíveis também ao] projeto relacionado com a sua ambição de pensar a História”³⁰. Em outras palavras, os pressupostos de sua filosofia da consciência não o abandonam mesmo quando seu objetivo é analisar a biografia histórica de Flaubert, assim como também quando seu objeto é a história numa perspectiva marxista. A título de conclusão retomemos, sumariamente, o ensaio *Questão de Método*.

Compreendemos então que, se é certo que neste ensaio Sartre se aproxima das ideias marxistas, não é menos certo que ele faça isso de forma crítica, o que, aliás, é característico de sua produção intelectual, a apropriação crítica. Vejamos o que o filósofo diz daquilo que ele chamou de “marxismo preguiçoso”³¹, assim,

Se quero compreender Valéry, este pequeno-burguês intelectual, saído deste grupo histórico e concreto – a pequena-burguesia francesa em fins do século passado –, é melhor que não me dirija aos marxistas: eles substituirão este grupo numericamente definido pela ideia de suas condições materiais, de sua

²⁸ SARTRE, *Entretien*, “L’écriture et la publication” In: *Revue Obliques*, p. 15. Apud SOUZA, “A presença da história no ‘primeiro’ Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura heróica”, p. 89. “C’est pourquoi je dis toujours – et j’y tiens – qu’il y a de l’unité intellectuelle dans ma vie, depuis le départ, La Nausée, jusqu’au traité de morale à la fin, quelque chose comme un système, qui perd certaines de ses idées et en gagne d’autres, qui n’est pas entièrement le même, mais qui a une unité, qui suppose à chaque moment une sorte d’idée vécue: ce ne sont pas des idées intellectuelles et logiques s’enchaînant les unes aux autres d’après des liens logiques, ce sont plutôt des idées vécues se présentant dans la pensée sous une forme temporelle, à un moment donné, et qu’on retrouvera plus tard avec une forme légèrement (ou entièrement) différente, mais remplissant le rôle qu’elles avaient au départ.” (Tradução nossa).

²⁹ GONÇALVES, *Desilusão e História na Psicanálise de J. P. Sartre*, p. 11.

³⁰ GONÇALVES, *Desilusão e História na Psicanálise de J. P. Sartre*, p. 111.

³¹ A crítica proferida por Sartre aqui se dirige, mais especificamente, à Lukács. Mas o filósofo a estende ao marxismo contemporâneo de um modo geral.

posição entre os outros grupos [...] e de suas contradições internas. [...] este esqueleto de universalidade é a própria verdade a seu nível de abstração; vamos mais longe: quando as questões postas permanecem no domínio do universal, estes elementos esquemáticos pela sua combinação permitem por vezes encontrar resposta. [...] Mas trata-se de Valéry. [...] [e neste tipo de abordagem, o que resta de Valéry, o existente?] Quanto a Valéry, evaporou-se³².

Assim o registro existencialista, que, de fato, se apropria do pensamento marxista, pretende ir mais além: se o pressuposto fundamental é o homem concreto em suas condições materiais, cabe então perscrutar a existência real desses homens (no plural) singularmente. Se queremos compreender Valéry,

Para nós, sua existência é real e não aprenderemos nada mais a não ser pela experiência, pela observação, pela descrição fenomenológica, pela compreensão e pelos trabalhos especializados. [...] Consideramos a ideologia de Valéry o produto concreto e singular de um existente que se caracteriza em parte por suas relações com o idealismo, mas que se deve decifrar as sua particularidade e, de início, a partir do grupo concreto de que ele emergiu. [...] [E conclui Sartre] **Valéry é um intelectual pequeno-burguês: quanto a isto, não há a menor dúvida. Mas nem todo intelectual pequeno-burguês é Valéry**³³.

Vemos novamente se evidenciar os pressupostos fenomenológicos de Sartre: é na particularidade que devemos buscar, é Valéry, o existente concreto e singular, que devemos analisar fenomenologicamente. Parece-nos bastante claro, desse modo, que, quando Sartre critica a teoria marxista por ele apropriada, é em seus pressupostos ontológicos que ele busca recursos. Compreendemos, portanto, o equívoco de Engels, pois o registro abstrato que nele o marxismo adquire não é fiel ao seu próprio pressuposto do *“primado da existência sobre a consciência”*, e que é requerido pelo próprio Engels. Se o pressuposto fundamental é a existência concreta, é necessário à filosofia, por consequência, abarcar o existente particularmente.

É por causa desta falha que acaba por se desembaraçar do particular, definindo-se como simples efeito do acaso: “Que um tal homem”, escreve Engels, “e precisamente aquele, se eleve em tal época determinada e em

³² SARTRE, *Questão de Método*, p. 135.

³³ SARTRE, *Questão de Método*, pp. 135-136, grifo nosso.

tal país dado, é naturalmente um puro acaso. Mas, na falta de Napoleão, outro teria preenchido o seu lugar... O mesmo ocorre com todos os acasos ou com tudo o que parece acaso na história. Quanto mais o domínio que exploramos se afasta da economia e se reveste de um caráter ideológico abstrato, mais encontramos acaso no seu desenvolvimento... Mas traçai o eixo médio da curva... Este eixo tende a tornar-se paralelo ao do desenvolvimento econômico.” Em outras palavras, o caráter concreto deste homem é, para Engels, um caráter ideológico abstrato³⁴.

Em contraposição, no registro existencialista, não há nada que garanta que, se Napoleão não houvesse existido, outro teria preenchido seu lugar. Retomamos assim o caráter imprevisível que a história adquire para Sartre, ou, melhor dizendo, se não há nada que possa garantir *a priori* o sentido dado à história, pois é só posteriormente que encontramos a “lógica” da história, então nada me garante que, se Napoleão não tivesse existido, as coisas se dariam do mesmo modo. O que não significa, de modo algum, recair na tradição personalista que vê em Napoleão o herói da “História”, não porque exista uma necessidade lógica que determine o processo histórico, mas porque a história é feita por todos os homens conjuntamente. Assim, se o sentido da história me escapa, não é porque eu não participo de sua construção, mas porque outros também participam. É por isso que

[...] o existencialismo considera esta declaração uma limitação arbitrária do movimento dialético, uma interrupção do pensamento, uma recusa de compreender. Ele recusa abandonar a vida real aos acasos impensáveis do nascimento para contemplar uma universalidade que se limita a refletir-se indefinidamente em si mesma. Pretende sem ser infiel às teses marxistas, encontrar as mediações que permitem engendrar o concreto singular, a vida, a luta real e datada, a pessoa a partir das contradições gerais das forças produtivas e das relações de produção³⁵.

Chegamos ao último ponto que pretendemos destacar, qual seja, que a obra e as escolhas particulares de cada homem representam sua época, pois o escritor encarna a totalidade do processo dialético que o engendra e é por ele engendrado. Deste modo não é por acaso que Sartre dedica seus últimos dias a estudar a vida e a obra de Flaubert, pois:

³⁴ SARTRE, *Questão de Método*, p. 136.

³⁵ SARTRE, *Questão de Método*, p. 136.

[...] ao mesmo tempo sua obra ilumina a época com uma nova luz: ela permite colocar uma nova questão à História: que época podia ser esta para que existisse este livro e para que nele reencontrasse mentirosamente sua própria imagem. Aqui estamos no verdadeiro momento da ação histórica ou do que denominarei de bom grado o mal-entendido. Mas não é aqui o lugar de desenvolver este novo passo. Basta dizer, para concluir, que o homem e seu tempo serão integrados na totalização dialética quanto tivermos demonstrado como a História supera esta contradição³⁶.

É por meio da investigação das escolhas e da obra dos indivíduos que somos capazes realmente de iluminar as contradições dialéticas que constituem o movimento da história. Cabe questionar por que certa singularidade fez as escolhas que fez, para daí compreendermos o contexto que as engendra. É justamente nesse sentido que Sartre afirma:

O método dialético, ao contrário, recusa-se a reduzir; ele percorre o caminho inverso: ultrapassa conservando; mas os termos da contradição ultrapassada não podem dar conta nem do próprio ultrapassamento, nem da síntese ulterior: é esta, ao contrário, que os ilumina e que permite compreendê-los. Para nós, a contradição de base é apenas um dos fatores que delimitam e estruturam o campo dos possíveis; é, ao contrário, a escolha que é preciso interrogar se quisermos explicá-los em seus pormenores, revelar-lhes a singularidade (isto é, o aspecto singular sob o qual se apresenta neste caso a generalidade) e compreender como foram vividos. É a obra ou o ato do indivíduo que nos revela o segredo de seu condicionamento³⁷.

Assim, dentro desta relação dialética que caracteriza o movimento de perpétua totalização da história, se quisermos compreender aquilo que condiciona o homem, sua *situação*, é para os atos e obras dos indivíduos que devemos nos voltar. *O Idiota da Família* surge, portanto, como o corolário de um processo que se inicia com os primeiros trabalhos de Sartre, qual seja, o de responder à pergunta fundamental: o que é homem? O que significa existir no mundo? Pois, na terminologia sartriana, o para-si é um ser-no-mundo, a existência humana é histórica.

Por fim, todo nosso percurso talvez possa lançar alguma luz sobre interpretações correntes do pensamento sartriano, ao menos naquilo que diz respeito à relação entre

³⁶ SARTRE, *Questão de Método*, p. 177.

³⁷ SARTRE, *Questão de Método*, p. 177.

literatura e filosofia em sua obra. Se retomarmos toda essa discussão buscando abarcar o tema da imaginação, as conclusões de Noudelmann em *L'Incarnation Imaginaire* ganham força, e parecem reforçar nossa leitura. Diz o comentador:

A prática da imagem implica assim uma reflexão sobre a encarnação do sentido. Ela permite compreender como a consciência vê sua intenção derramada [*débordée*] por sua realização, notadamente no seio da situação histórica. A história é, de fato, constituída por sucessivas encarnações que correspondem às realizações de múltiplas vontades³⁸.

Por consequência, é em decorrência também daquilo que é analisado em seus primeiros textos de influência fenomenológica – *A Imaginação* e *O imaginário* – que a análise da obra de Flaubert se justifica. É a partir da “obra [de Flaubert, que] ilumina a época com uma nova luz”, que podemos nos perguntar: “que época podia ser esta para que existisse este livro e para que nele reencontrasse mentirosamente sua própria imagem”? É através do recurso à criação ficcional que a história parece se desvelar.

Assim, para compreender a inteligibilidade da história, a abordagem sartriana abarca uma tensão entre uma concepção unilinear e determinada da história, e não mais se apóia sobre o sentido, mas sobre os sentidos da história e, então, as expressões e as interpretações são partes integrantes do seu movimento. No plano da linguagem, a encarnação nas palavras compromete o ser-no-mundo da consciência, e Sartre, estudando a escolha de Flaubert, apreende a dimensão ontológica da imaginação³⁹.

Talvez por isso, quando Sartre cria sua obra a partir da análise da vida de Flaubert, ao ligar “o homem à sua época”, ele esteja nos dando a conhecer sua própria situação histórica⁴⁰.

³⁸ NOUDELMAANN, *L'Incarnation Imaginaire*, p. 249. “La pratique de l'image implique ainsi une réflexion sur l'incarnation du sens. Elle permet de comprendre comment la conscience voit son intention débordée par sa réalisation, notamment au sein de la situation historique. L'histoire est en effet constituée d'incarnations successives qui correspondent aux réalisations de volontés multiples”. (Tradução nossa).

³⁹ NOUDELMAANN, *L'Incarnation Imaginaire*, p. 249. “[...] Ainsi, pour comprendre l'intelligibilité de l'Histoire, la démarche sartrienne ménage une tension entre une conception unilinéaire et déterminée de l'histoire, et une prise en charge non plus du sens mais des sens de l'histoire, donc les expressions et les interprétations sont parties intégrantes de son mouvement. Au plan du langage, l'incarnation dans les mots engage l'être-dans-le-monde de la conscience, et Sartre, en étudiant les choix de Flaubert, appréhende la dimension ontologique de l'imaginaire”. (Tradução nossa).

⁴⁰ Sartre realiza aqui aquilo que Noudelmann chamou de “teoria da expressão ativa” [*théorie de l'expression active*] (NOUDELMAANN, *L'Incarnation Imaginaire*, p. 249).

Talvez, em decorrência disso também, ao se estudar a obra de Sartre, desvele-se um pouco da situação histórica que o engendrou e que nos engendra. Seus romances são também a imagem “mentirosa”, mas, por isso mesmo, capaz de dar a ver o real através do irreal de sua própria situação histórica.

Por isso não nos parece exagerado, portanto, levantar a possibilidade de se compreender suas *biografias históricas* como uma das maneiras de se resgatar a singularidade implicada na história, e como ela se constrói, e, com isso, contribui para a construção do próprio processo histórico. Assim, se o escritor é – ou ao menos deveria ser – aquele que oferece um espelho crítico no qual o leitor se vê refletido em sua própria situação histórica (o que o conclamará a atuar nesse processo), então nos parece pertinente a possibilidade interpretar as incursões sartrianas de suas últimas obras, em especial em *O Idiota da Família*, como um modo de se estudar como certa singularidade *encarna* sua situação. Desse modo não seria pertinente nos questionarmos sobre a hipótese dessas obras resgatarem aquilo que foi designado por muitos comentadores como sua “fase solipsista”? Ou melhor, Sartre, ao se dedicar a estudar a *biografia histórica* de uma *singularidade encarnada*, que foi Flaubert, não estaria resgatando, de algum modo ao menos, as preocupações com a consciência lançada no mundo, e que, de um modo ou de outro, acaba por encarnar sua própria situação? É por isso o filósofo recorre ao que ele chamou de método progressivo-regressivo, pois a análise biográfica é capaz de aprofundar a leitura da situação histórica.

O método existencialista, ao contrário [de um certo marxismo contemporâneo vulgar e simplista] quer permanecer heurístico. Não terá outro meio senão o “vaivém”: determinará progressivamente a biografia (por exemplo), aprofundando a época, aprofundando a biografia⁴¹.

Daí que o problema ganhe interesse: seria apenas através do estudo das singularidades que a história se dê a conhecer? Pergunta Sartre, logo no início da biografia de Flaubert: “*o que é que se pode conhecer de um homem hoje?*” Talvez seja essa a intenção do filósofo em *O Idiota da Família*, ou seja, apresentar a universalidade encarnada através das escolhas singulares de Flaubert. Em outras palavras, demonstrar que o ponto de partida para qualquer investigação que pretenda abarcar a totalidade histórica é a subjetividade, é o homem concreto em suas vivências. Isso, de certo modo, representaria uma retomada das preocupações do primeiro Sartre. Preocupações estas que talvez nunca o tenham abandonado, e mais do que isso, talvez tenham sustentado mesmo suas preocupações político-históricas. Mas talvez essas questões constituam um outro caminho a ser perscrutado na obra do autor.

⁴¹ SARTRE, Jean-Paul, *Questão de Método*, pp. 170-171.

ETHICS AND HISTORY FROM THE FICTIONAL CREATION IN SARTRE: THE ORGANIC AND DYNAMIC UNIT IN THE WORK OF THE AUTHOR

Abstract: The objective with this study is highlight the thesis of organic and dynamic continuity of the intellectual production of Jean-Paul Sartre from the conception of history and the ethical implications that flow from it. This work will look on the fictional production of philosopher, particularly his novels, for the purpose of evidencing such thesis.

Keywords: history – ethics – literature – freedom – determinism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOËCHAT, Neide Coelho. *História e Escassez em Jean-Paul Sartre*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2011.

BORNHEIM, Gerd Alberto. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005. 3. Ed.

GONÇALVES, Camila Salles. *Desilusão e História na Psicanálise de J. P. Sartre*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

LUKÁCS, Georg. *Existencialismo ou Marxismo?* Trad. de José Carlos Bruni. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Tradução de Luis Carlos de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NOUDELMMANN, Françoise. *L'Incarnation Imaginaire*. Paris: L'Harmattan, 1996.

SARTRE, Jean-Paulo. *O Ser e o Nada*. Trad. de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard, 1943.

_____. *O Existencialismo é um Humanismo*. Tradução e notas de Vergílio Ferreira; Sel. José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores)

_____. *L'existencialisme est un humanisme*. Paris: Gallimard, 2006.

_____. *A Náusea*. Trad. Antônio Coimbra Martins. Lisboa: Publicações Europa-América, 1963.

_____. *La Nausée*. Paris: Gallimard, 2007.

_____. *Os caminhos da Liberdade: I - A Idade da Razão*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966. 5ª Ed.

_____. *Os caminhos da Liberdade: II - Sursis*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. 2ª Ed.

_____. *Os caminhos da Liberdade: III - Com a Morte na Alma*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961. 2ª Ed.

_____. *Que é a Literatura?*. Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

_____. *Marxismo e existencialismo: controvérsia sobre a dialética*. Sartre, Garaudy, Hyppolite, Orcel, Vigier. Trad. de Luiz Serrano Pinto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

_____. *Questão de Método*. Trad. de Bento Prado Jr. Sel. José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores)

SOUZA, Thana Mara. *Os descaminhos da Liberdade – Sartre e o impossível romance da autenticidade in: Ensaios sobre filosofia contemporânea*. São Paulo: Alameda, 2009.

_____. A presença da história no “primeiro” Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura heróica. In: *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, Vol. 16, Nº 26 (2009) Disponível em: www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/principios/article/view/764 Acesso: 06 de Abril de 2012.